

## Mundo



**SUBORNO A EX-ATRIZ pornô**  
Defesa de Trump tenta intimidar Cohen  
Testemunha de ex-advogado é marcada por pressão 'balões de pénis' nas ruas



# EIXO PEQUIM-MOSCOU

## Em reunião, Putin e Xi exaltam parceria bilateral e atacam comportamento 'desestabilizador' dos EUA

**A** Rússia, com seus 17 milhões de quilômetros quadrados, e a China, com seus 9,6 milhões de quilômetros quadrados, dominam com folga o mapa-múndi na Ásia. Ontem, os presidentes dos dois países, que há dois anos firmaram uma "aliança sem limites", deram um passo mais na consolidação dessa parceria geopolítica com o início da visita de dois dias de Vladimir Putin a Pequim, onde se reuniu com o anfitrião Xi Jinping. É a primeira viagem de Putin ao exterior em seu quinto mandato à frente do Kremlin, com objetivo de demonstrar proximidade ao aliado, e serviu para os dois líderes expressarem visões comuns de mundo e atacarem os Estados Unidos, cujo comportamento foi chamado de "desestabilizador".

Putin foi recebido com honras por Xi no Grande Salão do

Povo de Pequim. A prioridade dada ao país decorre do alto grau de alinhamento entre os dois líderes — que se encontraram mais de 40 vezes desde que Xi chegou ao poder, em 2012 — e da integração econômica, altamente importante para a Rússia, sobretudo com as sanções impostas pelos países ocidentais após o início da guerra na Ucrânia em 2022.

No ano passado, o comércio da Rússia com a China bateu a cifra recorde de US\$ 240 bilhões, um aumento de 60% em relação ao período anterior à guerra. A China foi destino de um terço das exportações da Rússia e responsável por 40% das importações do país, segundo a Alíndexa chinesa. O aumento no fluxo de comércio serviu também para realçar uma estratégia maior abraçada pelos dois países (e outros, incluindo o Brasil) de desafiar a hegemonia do dólar americano nas transações fi-

nanceiras internacionais. No encontro, Putin destacou que 90% do comércio entre os dois países hoje é feito com suas moedas nacionais.

O encontro entre os líderes anti-Ocidente ocorreu em clima amistoso. Xi chamou Putin de "velho amigo", ao passo que o russo se declarou "agradecido" à China por suas iniciativas de paz na Ucrânia. Em uma entrevista coletiva conjunta, um aborou temas de interesse do outro.

### 'FATOR DE ESTABILIDADE'

Putin classificou como "prejudicial" qualquer aliança política-militar "backlash" na região Ásia-Pacífico, onde Pequim trava uma disputa com os EUA por influência. Além das tensões históricas envolvendo Taiwan, um ponto de atrito direto entre os chineses e americanos, Washington investiu na criação da aliança Aukus, de cooperação militar, com Aus-

trália e Reino Unido, para enfrentar a influência chinesa. No mesmo sentido, o presidente americano, Joe Biden, também estreitou cooperação estratégica com o Japão.

Xi, por sua vez, declarou que a relação entre Pequim e Moscou "não é apenas de interesse fundamental para os dois países e os dois povos, mas igualmente é propícia à paz".

— A atual relação entre China e Rússia foi conquistada com esforço. As duas partes devem apreciá-la e cultivá-la — insistiu o líder chinês, segundo trechos do discurso divulgado pelo Ministério das Relações Exteriores do país.

O presidente russo ainda destacou que relações entre os dois países "não são oportunistas, nem direcionadas contra ninguém".

— Nossa cooperação nos temas internacionais é um dos fatores de estabilidade no cenário internacional —

disse Putin, segundo a transmissão nos canais de televisão russos.

### MISSÉIS AMERICANOS

No comunicado final, divulgado após o encontro, os dois líderes dizem que as relações entre China e Rússia "apresentam uma forma mais avançada de interação interestatal em comparação com as alianças político-militares da Guerra Fria, e não são de confronto por natureza ou baseadas em blocos", conforme texto divulgado no site do Kremlin. Ambos reiteram agir em conformidade com as leis internacionais e a Carta da ONU, defendem a expansão da cooperação — palavra que aparece quase cem vezes no extenso documento — em praticamente todos os campos e "reafirmam o desejo de contribuir para a formação de uma ordem mundial multipolar mais justa e sustentável".

Tal como nas declarações dos líderes, o texto traz críticas aos EUA e acusa o país de atuar como elemento desestabilizador na Ásia-Pacífico, na Europa e no Oriente Médio.

"Os EUA ainda pensam em termos de Guerra Fria e são guiados pela lógica do confronto em bloco, colocando a segurança de 'grupos restritos' acima da segurança e estabilidade regionais, o que cria uma ameaça à segurança de todos os países da região Ásia-Pacífico". Os EUA devem abandonar esse comportamento, diz o comunicado final.

Os líderes ainda expressaram preocupação com o que veem como expansão dos sistemas de mísseis pelos EUA na Europa e Ásia-Pacífico, no que China e Rússia veem como uma potencial criação de um sistema balístico internacional contra os dois países ou qualquer um que não se alinhe com Washington.

### EUA CRITICAM PEQUIM

Sobre a guerra na Ucrânia, Xi — que ignorou as críticas ocidentais ao estreitar a relação com Putin e foi cobrado pelo secretário de Estado americano, Antony Blinken, em encontro no mês passado sobre o apoio da China à Rússia — defendeu uma "solução política". A relação com a Rússia permite à China importar energia barata russa e ter acesso aos seus vastos recursos naturais.

— Putin pretende demonstrar que as relações China-Rússia entraram em outro nível — declarou o analista político russo independente Konstantin Kalachev à AFP. — Sem falar na amizade pessoal, visivelmente sincera entre os dois líderes.

Horas depois do fim da reunião, Vedant Patel, porta-voz do Departamento de Estado dos EUA, disse que Pequim "não pode ter melhores relações com a Europa enquanto segue alimentando a maior ameaça à segurança europeia", referindo-se à Rússia.

Com AFP



Velhos amigos. Os presidentes Xi e Putin passam uma guarda de honra em revista na visita do russo a Pequim: os dois já se encontraram mais de 40 vezes desde a assembleia do líder chinês em 2012

## Otan já considera o envio de instrutores militares à Ucrânia

Discussão ocorre em meio a ofensiva russa e dificuldades de Kiev no front

BRUNO

**O**s países da Otan, a principal aliança militar do Ocidente, estão cada vez mais perto de enviar pessoal à Ucrânia, em missões de treinamento das forças locais, no momento em que Kiev se encontra em uma posição complicada na guerra, em meio a uma ofensiva russa e com tropas cada vez mais escassas.

Segundo o New York Times,

o general Charles Brown Jr, chefe do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas americanas, sinalizou que o envio de militares para treinamentos dentro da Ucrânia é algo "no qual está se trabalhando", sem sinalizar se oficiais dos EUA estariam envolvidos.

Desde o ano passado, o governo ucraniano tem reclama-

do do ritmo considerado lento de entrega de armamentos, algo que o presidente Volodymyr Zelensky disse ontem ser responsável pelo avanço dos russos. E diante de um número escasso de recrutas, que levou à redução da idade mínima de convocação e à possibilidade de detentos lutarem, Kiev pediu ajuda da Otan para acelerar o treinamento de até 150 mil novos combatentes.

Hoje, boa parte dos treinamentos específicos ocorre na Polónia, na Alemanha e nos EUA, em processos caros que

demandam tempo, algo que os ucranianos têm cada vez menos. E a ideia de levar os instrutores para a Ucrânia não é nova: em fevereiro, o presidente da França, Emmanuel Macron, provocou polêmica ao dizer que o envio de militares da Otan para o território ucraniano "não deve ser excluído".

### DECISÃO DIFÍCIL

Mas o próprio general Charles Brown Jr, citado pelo New York Times, afirma que essa é uma decisão difícil de ser tomada. A começar por questões práticas: a presença dos instrutores ocidentais em um cenário de guerra exigiria meios para protegê-los, e poderia demandar recursos destinados aos ucranianos.

Há ainda o aspecto político: caso eles fossem feridos ou mortos em um ataque russo, haveria pressão para que fosse acionado o Artigo 5º do Tratado do Atlântico Norte, que considera o ataque contra um dos membros da aliança um ataque a todos, elevando o risco direto de uma guerra entre os países da organização e a Rússia. Em fevereiro, o presidente russo, Vladimir Putin, disse que a intervenção ocidental na Ucrânia poderia levar a uma guerra nuclear.

Até o momento, a Casa Branca rejeita a ideia, mesmo que sejam instrutores sem função no campo de batalha, de certa forma repetindo o que aconteceu no Iraque após o fim oficial dos combates no país árabe. O governo Biden também pede a seus aliados da Otan que não enviem forças ao país, em qualquer circunstância.

Além dos instrutores, os EUA sofrem pressão da Ucrânia para liberarem ataques com armas americanas contra o território russo. Kiev tem atingido alvos a até mil quilômetros de distância, usando drones e outros tipos de armamentos, mas a Casa Branca pede que seus mísseis não sejam usados nessas ações, temendo uma represália russa. Segundo o site Politico, um grupo de parlamentares ucranianos está em Washington em busca de apoio do Congresso americano para obter essa concessão do governo Biden.

Com The New York Times